COMO NUNCA VISTAS

A história de onze jogadoras do Futebol Feminino da Ferroviária





Werner Haberkorn/Acervo Museu Paulista/Domínio Público

Preliminares

Quanto custa o espaço da mulher na sociedade? O preço exato é difícil de calcular, e mais complexo ainda é contabilizar o tempo e esforço dedicados, mas desconhecidos O futebol chegou no Brasil na bagagem de Charles Miller no final do século XIX, quando ele retornou da Inglaterra em 1894 e trouxe com ele bolas, uniformes e um livro com regras sobre a modalidade. O esporte chegou primeiro na camada mais elitizada da sociedade, mas em seguida, com o crescimento urbano, outras classes puderam praticar e participar da organização dos clubes. Os negros, por exemplo, só foram aceitos no futebol a partir do incentivo do governo Vargas, em 1920, o mesmo que 21 anos depois, em 1941, proibia as mulheres de jogarem futebol.

No dia 17 de maio de 1940, menos de um mês após a inauguração, o Estádio Pacaembu, em São Paulo, foi palco do primeiro jogo de futebol feminino. Mas, ao invés de servir como um incentivo à prática, o evento revoltou a sociedade, e as notícias de mulheres praticando futebol provocaram esforços para que em 14 de abril de 1941 o presidente Getúlio Vargas baixasse o Decreto-Lei 3.199, Art. 54, proibindo-as de praticarem esportes que não fossem "adequados a sua natureza". Apesar de não citado formalmente, o futebol se enquadrava nas restrições e foi cerceado por 40 anos.

Em 1965, durante a Ditadura Militar, o Conselho Nacional de Desportos (CND) citou nominalmente os esportes proibidos para as mulheres, com lutas de qualquer natureza, futebol, futebol de salão, futebol de polo-aquático, praia, rugby, halterofilismo e beisebol. A regulamentação aconteceu apenas em 1983, graças a luta de jogadoras e a relevância econômica internacional, possibilitando a criação de um calendário, competições, que elas pudessem usar os estádios e a modalidade ser ensinada nas escolas. Mas, se engana quem pensa que elas se conterão durante esse período.

Proibidas as mulheres de jogar futebol

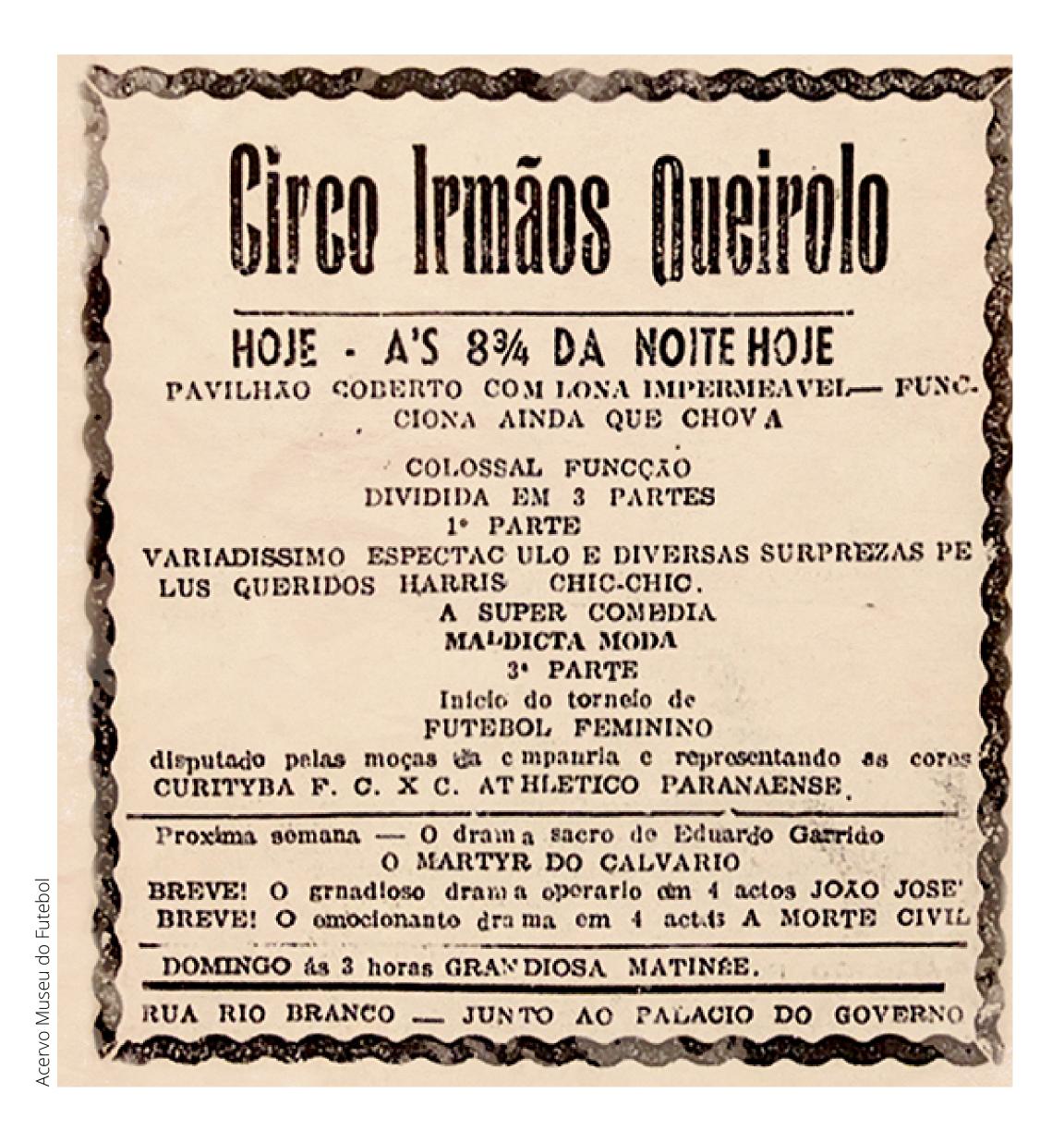
O Conselho Nacional de Esportes aprovou as conclusões do general Newton Cavalcanti — Atividades esportivas que são permitidas ou vedadas ao sexo feminino, no país

Jornal Diário de Notícias (RJ), 04 set. 1941, p. 14/Acervo Fundação Biblioteca Nacional

ESPETÁCULO À PARTE

De 1908 a 1909, as primeiras documentações mostram disputas mistas, entre homens e mulheres, jogando juntos. E, na verdade, por muito tempo, acreditou-se que um evento beneficente ocorrido em 1913 era a primeira partida de futebol feminino no Brasil, mas anos depois foi descoberto que, na verdade, o time era formado por jogadores do Sport Club Americano, campeão paulista daquele ano, vestidos de mulher, misturados a "senhoritas da sociedade".

Desta forma, oficialmente, os primeiros registros de partidas de futebol disputadas apenas por mulheres surgiram nos anos 20, de forma tímida, no Rio de Janeiro, São Paulo e Rio Grande do Norte, com o circo trazendo alguma das primeiras referências do uso do termo "futebol feminino", que era tratado como uma performance e não uma partida. O ano de 1921 marca de fato a primeira partida oficial entre senhoritas dos bairros de Tremembé e Cantareira (atual Santana), na zona Norte de São Paulo. O jogo foi noticiado pelo jornal A Gazeta como "atração curiosa" e "cômica", em meio as festas juninas.



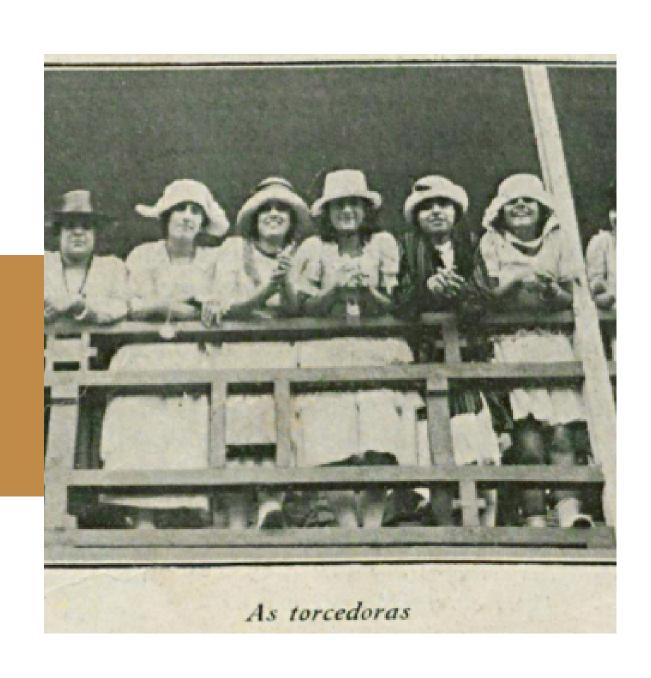


Futebol Feminino era tratado como uma performance, um show.
Não uma partida.

Acervo Museu do Futebol

Torcedoras durante partida entre São Christóvão e Botafogo há pouco mais de 100 anos atrás.

Revista Careta, 17/05/1919 | Biblioteca Nacional

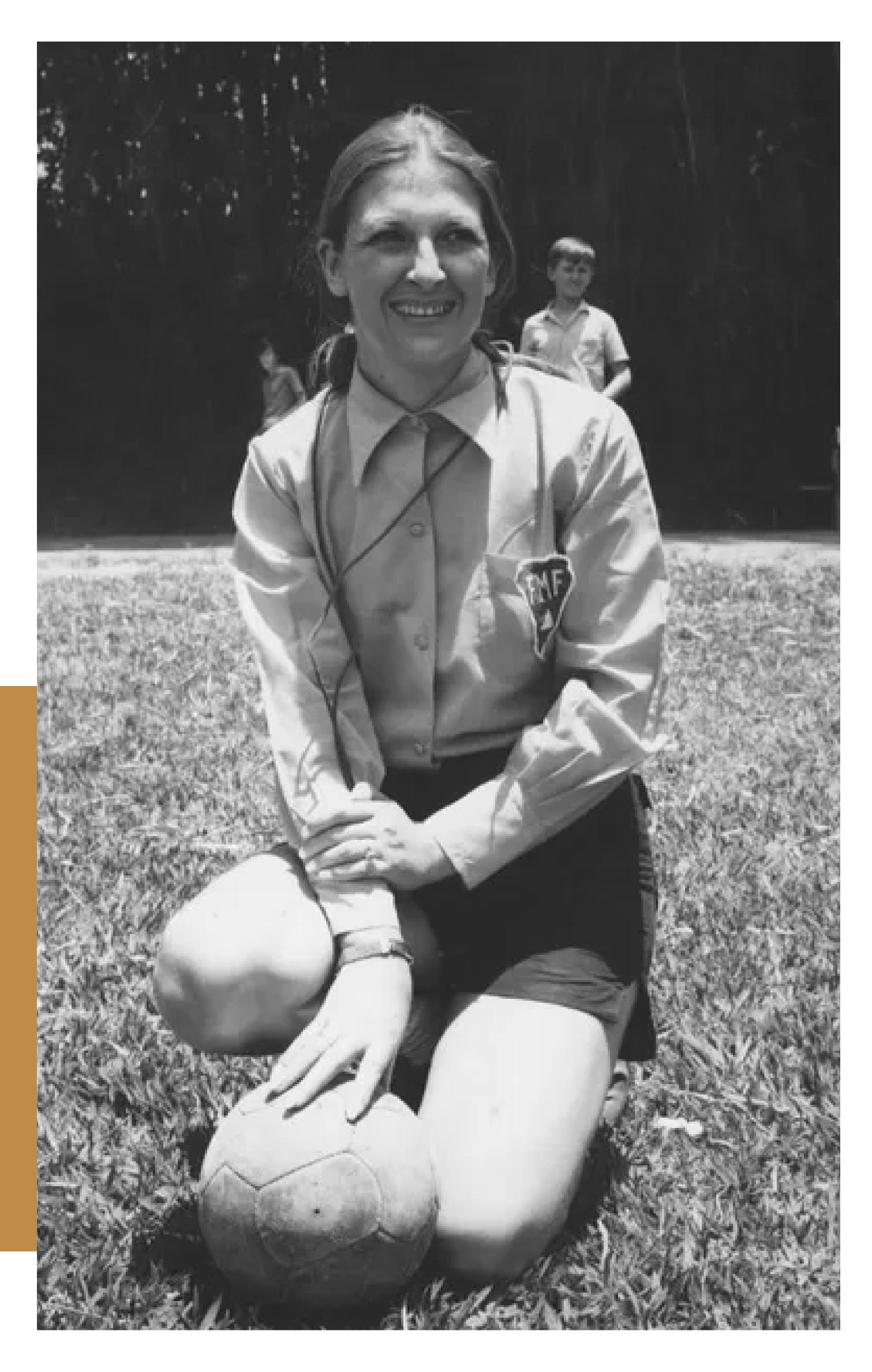


O evento causou estranheza porque na época as mulheres se limitavam à torcida e a concursos de madrinhas dos clubes. Inclusive, se hoje os amantes do esporte são conhecidos como "torcedores", se deve, principalmente, às mulheres que acompanhavam os jogos do Fluminense, que nessa mesma época, de 1920, originou o termo existente somente no português, exclusivo do Naquele Brasil. tempo, era comum nas arquibancadas serem encontradas pessoas bemvestidas, dada a sofisticação. As mulheres, por exemplo, usavam vestidos longos, sombrinhas, leques e luvas. Em lances decisivos, as moças usavam as suas luvas para conter o nervosismo, e com o calor do Rio de Janeiro, elas retiravam o acessório e depois torciam. O movimento chamou atenção de um dos frequentadores dos jogos do clube, que era membro da Academia Brasileira de Letras, Henrique Coelho Netto, pai dos jogadores Mano e Preguinho, que em um dos seus textos passou a denominar "torcedores", aqueles que acompanhavam o esporte. "Enquanto eles jogam, elas torcem", escreveu Coelho Netto, em crônica de jornal, em menção àquelas que ficaram marcadas como "as torcedoras do Fluminense".

Voltando aos exageros da modalidade, o preconceito já rodeava as mulheres, o futebol era visto como um esporte bruto e impróprio para as damas, o que fez com que na década de 40, em São João da Boa Vista, as jogadoras recebessem a excomunhão da Igreja Católica. Mesmo jogando contra toda uma sociedade, a história foi se fazendo. Em 1941, aconteceu o primeiro jogo masculino apitado por uma mulher, em um amistoso entre Serrano de Petrópolis contra o América do Rio. Isso porque o árbitro passou mal e uma atleta da partida preliminar assumiu o apito.

A carreira de Léa Campos, a primeira árbitra brasileira, durou pouco tempo, contudo. Em 1974, o brasileiro João Havelange, um dos primeiros a se opor as mulheres como árbitras de futebol, assumiu a presidência da FIFA. Curiosamente, no mesmo ano, Léa sofreu um acidente de ônibus numa companhia que muitos dizem pertencer à Havelange, a Viação Cometa. O acidente deixou Léa na cadeiras de rodas por dois anos. E a obrigou a abandonar o futebol. Léa chegou a levar o caso a justiça na época do acidente, mas perdeu nos tribunais quando as evidências sumiram misteriosamente.

- O Curioso do Futebol



O PIOR ADVERSÁRIO

"Esporte e Política não se misturam", será?

Em uma entrevista, Dóris Régis, técnica em documentação do Museu do Futebol, localizado no Pacaembu, na capital paulista, explica que a proibição do futebol para as mulheres se deu em meio a um contexto de profissionalismo do futebol masculino. Segundo Dóris, o então Presidente Getúlio Vargas entendeu que o esporte era uma excelente ferramenta política para dialogar com os trabalhadores. Ele viu desde cedo que essa era uma forma de transformar e superar as diferentes posições políticas e foi assim que ele ajudou na profissionalização do futebol masculino, a fim de aproximar os atletas e a classe trabalhadora. A pesquisadora destaca a percepção de Vargas de que o esporte era o recurso ideal para o aprimoramento racial e cultural, tendo como referência outros países fascistas da época, como a Itália e a Alemanha.

O clima de totalitarismo cercava o cenário nacional e internacional nas décadas de 1930 e 1940. Coincidência? Nenhuma. O que antecedeu a proibição do futebol feminino no Brasil foi o Estado Novo, instituído por Vargas, em 1937. A ideologia nazista e de superioridade racial e cultural acabou influenciando até mesmo a forma como a política e a medicina eram interpretadas na época. Em 1941, acontecia a proibição do esporte para as mulheres com a justificativa de que o esporte masculinizava o corpo feminino, não dando condições para elas gerarem uma criança, principal papel imposto para as mulheres na sociedade. A mídia também teve seu papel, impulsionando as críticas sobre o futebol feminino, usando como explicação a questão do corpo.

FALTA CAVADA

Na verdade, o corpo da mulher sempre foi um problema para o futebol feminino. Ora porque era necessário preservar a "incubadora de vidas" ora usada de forma sensacionalista para atrair o público masculino.

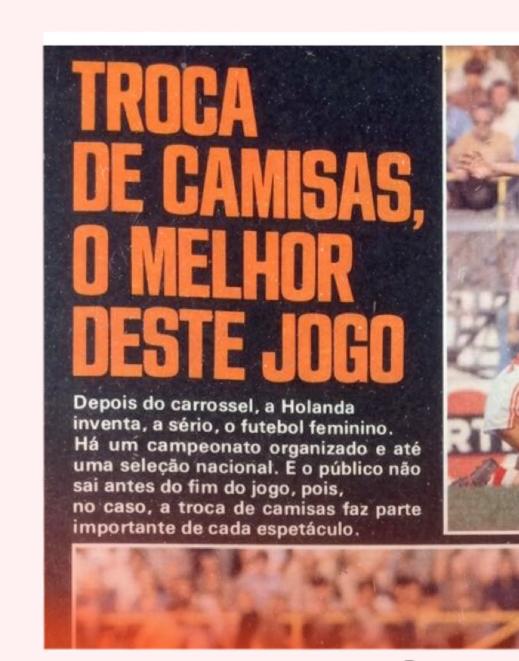
A proibição no Brasil partiu do Ministério da Educação e Saúde, na gestão de Gustavo Capanema. A justificativa, sem embasamento nenhum, escrito por um cidadão comum, José Fuzeira, com endereço a Getúlio Vargas era que a mulher "não poderia praticar esse esporte violento sem afetar, seriamente, o equilíbrio psicológico das funções orgânicas, devido à natureza que a dispôs a ser mãe". E, a partir disso, o discurso público legitimado pelo Governo era de fazer com que a mulher retornasse ao ambiente doméstico, não de buscar posições de poder.

Poder ser, poder existir, poder jogar

Vale lembrar que o Futebol Feminino foi impedido de se desenvolver em países como Inglaterra, França e Alemanha, por exemplo, com limites impostos pelas federações de futebol, mas apenas no Brasil foi lei. Recordando algumas reportagens veiculadas na Revista Placar entra em campo, ou melhor, em páginas, em agosto de 1995 – um pouco mais de dez anos posteriormente à revogação do Decreto – as equipes de "futebol feminino formadas por modelos". Nada mais era do que a tentativa de mascarar e vender uma imagem das mulheres no esporte. Se tratando de times de modelos era expressamente proibido que jogadoras federadas, embora esteticamente belas, fizessem parte das equipes, pois, o futebol era menos importante do que a espetacularização dos corpos.

A função da mídia, além de inibir a representatividade das jogadoras de futebol, impulsionou ainda mais a sexualização das mulheres.





PARÁGRAFO INSIGNIFICANTE

Por mais que houvesse a proibição, o Decreto-Lei, o machismo, a misoginia, o cancelamento e todos os preconceitos, as mulheres seguiram jogando, causando e desobedecendo uma decisão ao longo dos anos.

A regulamentação do Futebol Feminino aconteceu depois de quatro décadas, em 1983, graças à luta de jogadoras e a relevância econômica internacional. A proibição, no entanto, impactou no desenvolvimento, reflexos que acompanhamos atualmente.

Verdadeiros atos de resistência fizeram com que pudéssemos presenciar a evolução do esporte mais tradicional do mundo jogado por elas, como você poderá acompanhar nas próximas páginas deste fotolivro.







Em 2001, nascia um projeto campeão no interior do estado de São Paulo. Araraquara é a casa do Futebol Feminino da Ferroviária, desenvolvido antes através do Play Soccer/Araraquara. Chegou a carregar também o nome de Extra/Fundesport e Ferroviária/Fundesport. A chegada do Prefeito Edinho, entusiasta do esporte, fez com que a cidade se tornasse polo do futebol feminino no Brasil e da América do Sul.

As Guerreiras Grenás, apelido dado pela imprensa em alusão ao espírito de luta das atletas dentro de campo, colecionam títulos como tetracampeonato Paulista, bicampeonato Brasileiro (2014 e 2019), Copa do Brasil (2014) e o bi-campeonato da Libertadores da América (2015 e 2020). Entre todas as conquistas, uma das mais importantes para a modalidade e as mulheres no esporte foi em 2017, quando o clube anunciou contratos com carteira assinada para seis atletas do elenco, visando a temporada de 2018. Esse foi um passo importante para a valorização das atletas e profissionalização do futebol feminino. Entre as atletas contempladas estavam a goleira Luciana, a zagueira Géssica e a lateral Barrinha, que contaram suas histórias nas páginas a seguir. As meias Patrícia e Raquel e a atacante Ludmilla também assinaram seus primeiros contratos profissionais na época.

Importante lembrar também que o Futebol Feminino da Ferroviária começou a ser desenvolvido antes mesmo da exigência imposta pela Federação e Confederações. Em 2016, a Conmebol, organizadora de torneios Sul-Americanos, como a Libertadores, competição entre clubes no continente, aprova em seu estatuto que, a partir de 2019, estarão aptos a disputar a competição masculina os times que possuírem a modalidade feminina. A Confederação Brasileira de Futebol (CBF) passa a exigir, também a partir de 2019, que os 20 participantes da Série A do Brasileiro se enquadrem no Licenciamento de Clubes da CBF e, por obrigação, manter um time de Futebol Feminino – adulto e de base. O intuito era impulsionar a modalidade.

Falando em avanço, a seguir, a história da Ferroviária vai ser contada através de quem não só vive o clube, mas também ajudou a construir o Futebol Feminino na Morada do Sol. As narrativas se conversam e se completam, formando um incrível acervo das Guerreiras Grenás.

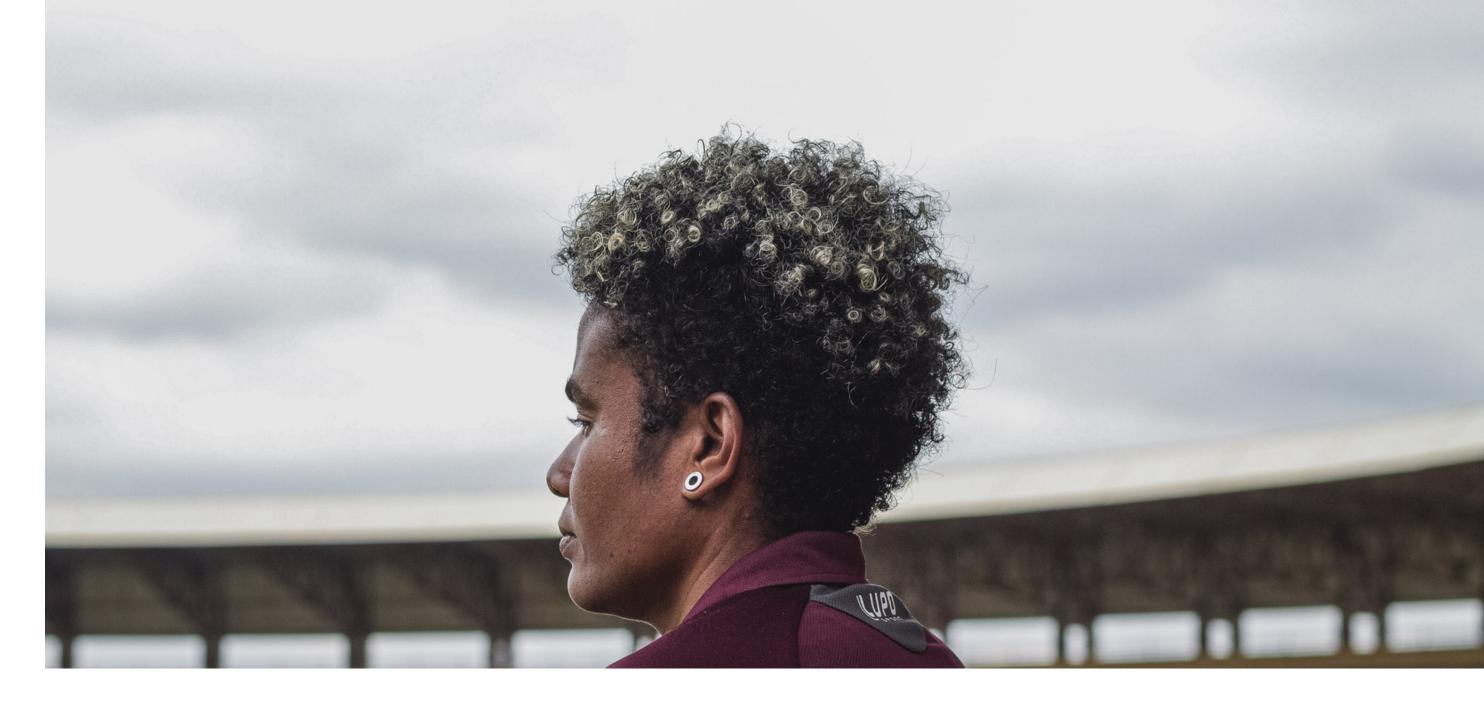
Luciana Maria Dionizio

- Luciana, você tem alguma superstição antes dos jogos?
- Sim, uso o mesmo top e calcinha em todos.

Rimos, até porque a intenção seria fotografar algo que representasse para ela também.

Esse foi um dos primeiros diálogos com a ídola da Ferroviária. Nascida em Minas Gerais, a goleira começou no futsal e teve assistência do pai e do irmão para enfrentar o primeiro grande adversário: o gol do futebol de campo. Tentou recuar quando surgiu a oportunidade na peneira do Atlético Mineiro para migrar aos gramados, mas o futuro dela com o futebol já estava traçado. Com o apoio da família, ela superou o preconceito, as dificuldades financeiras e soube aproveitar os momentos.





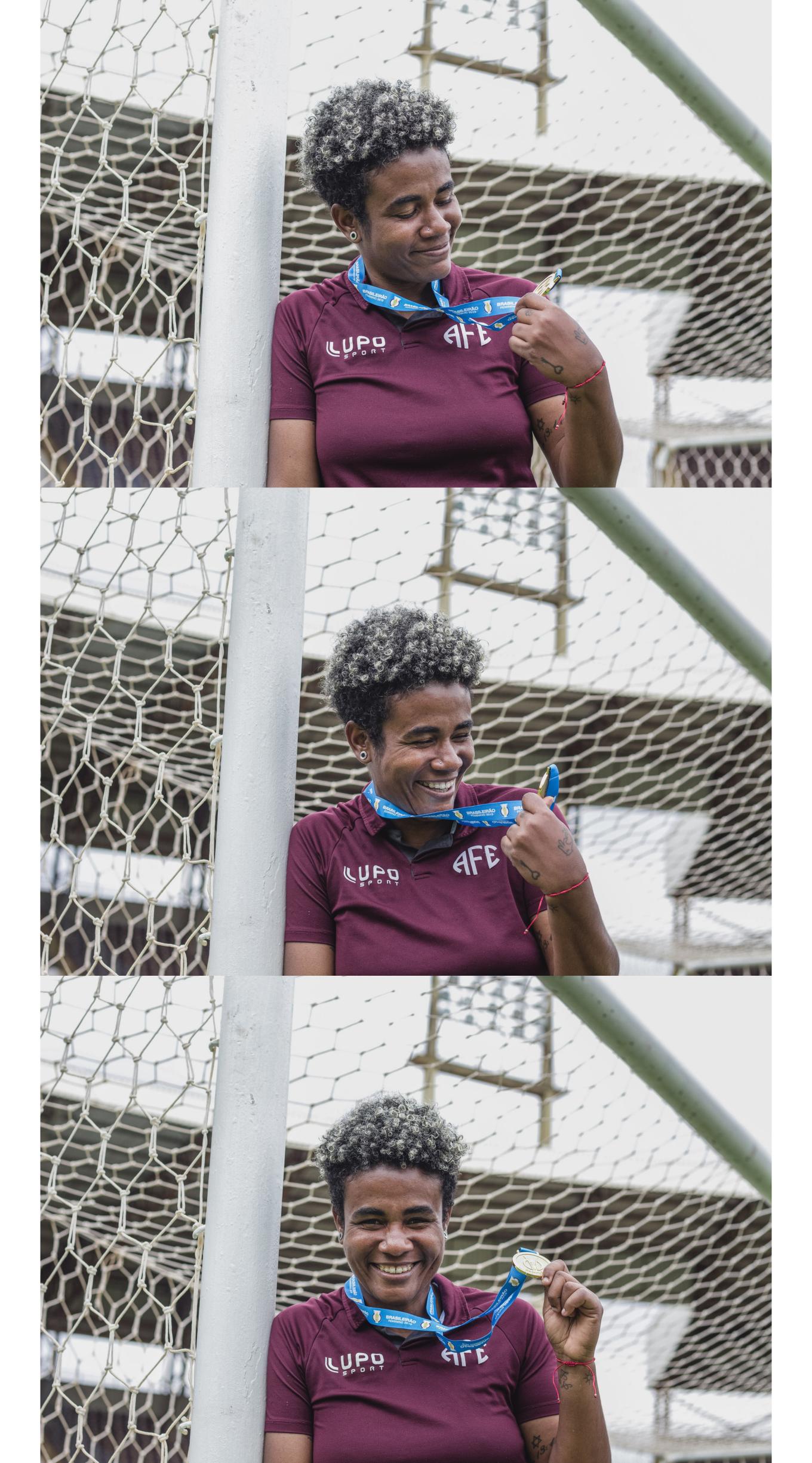
"Um dia você está no céu; no outro, no inferno". Essa é uma das frases mais marcantes ditas por Luciana Maria Dionizio, goleira da Ferroviária, em uma entrevista para a Universa, do UOL. Pelo campeonato nacional, a atleta é a que mais tem jogos juntando todas as dez edições.

Uma das conquistas mais celebradas pelo clube é a do título do Brasileiro Feminino de 2019, que passou pelas mãos dela. Depois do empate em 1 a 1, contra o Corinthians, em Araraquara, o time da Morada do Sol ergueu o troféu em pleno Parque São Jorge, ao ficar no 0 a 0, e a decisão ir para os pênaltis, consagrando a goleira da Ferroviária após uma grande defesa.

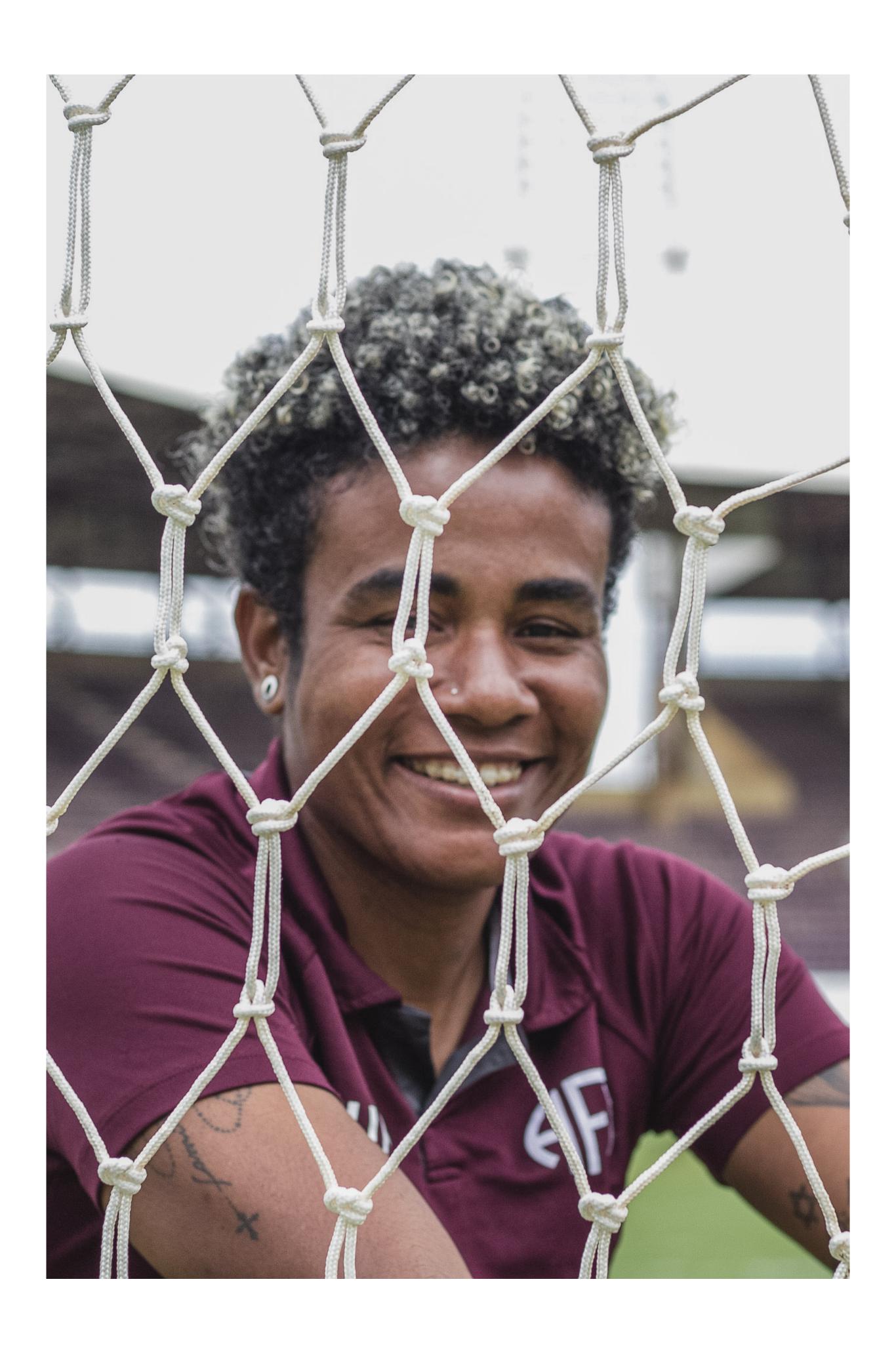
"Título igual a esse a gente não conquista nunca mais", disse Luciana, emocionada, ao receber a medalha do assessor Tiago Pavini.

Ela estava encostada na trave do Ferrão do fundo, da Fonte Luminosa, o lado que ela mais gosta do campo, posando com as mesmas mãos que ajudaram na conquista daquela medalha e eu perguntei:

- Quando você olha para ela, o que você sente?
- Felicidade, uma felicidade imensa.







Vanessa

Vanessa Cristina Cataneo

Um grupo de oito jogadoras fez fotos em um dia, e Vanessa foi a primeira a se candidatar para começar.

- Quando você jogava, o que não podia deixar de fazer antes de entrar em campo? Perguntei a ela.
- Eu pegava esparadrapo, colocava um pedaço em cada pulso e escrevia "Jesus" e "família", era uma forma de ter as coisas mais importantes comigo.

Consegui que tivéssemos esparadrapo e uma caneta para que ela relembrasse aquela época e eternizasse nas fotos. "Minha família foi a maior incentivadora no meu processo de formação, tanto na área escolar como no futebol, desde quando comecei até o final dela, que durou 22 anos como atleta", disse.



O pontapé de sua carreira foi aos 10 anos, nas ruas de Américo Brasiliense, onde morava. Depois, conheceu o futsal, jogou Society e passou a encarar a imensidão dos campos de futebol. Como goleira, Nessa ou Van Van (como era conhecida pelas companheiras de time) chegou a atuar em clubes como Saad, Vasco, Duque de Caxias, Botafogo-SP, Ponte Preta, Ferroviária – onde jogou por 10 anos – e, também, vestiu a amarelinha. "Conquistas marcam muito, disputar um Mundial Militar e ser campeã, disputar uma Olimpíada Militar e ser campeã, mas o legado que fica são as amizades que você conquista e as pessoas que você conhece através do futebol, isso é algo imensurável."

Desde 2018, Vanessa integra a comissão das Guerreiras Grenás, começou como auxiliar técnica e atua como preparadora de goleiras.



"O futebol me fez ser um ser humano melhor e consequentemente uma grande profissional".



Andréia Rosa

Andréia Rosa de Andrade

"A minha ligação com o futebol surgiu ainda antes de nascer. Quando minha mãe estava grávida, meu pai dizia que o bebê seria um jogador de futebol, ele sempre gostou de futebol. Aí eu nasci e ele disse: Ah, é uma menina! Então não será um jogador, mas tudo bem, estou muito feliz mesmo assim."

Mas, o que Sebastião Rosa de Andrade não esperava é que a filha escolheria seu futuro com um ano e dois meses, ao pedir uma bola colorida de presente. "O desejo do meu pai se realizou, me tornei uma jogadora de futebol mesmo sendo uma mulher".

Quando Andréia tinha quatro anos a família se mudou de São Pedro do Turvo para o Clube Náutico Araraquara, anos depois para a cidade Araraquara e posteriormente Américo Brasiliense, onde vivem até hoje. Aos 13 anos, entrou na Escolinha de Futebol Society do Play Soccer. "Para ajudar meus pais a economizar, decidi ir de bicicleta para os treinos. Eu saía de Américo, treinava, corria no asfalto muitas vezes, naquela época treinávamos muito pesado com treinos muito volumosos e ainda tinha que voltar para casa de bicicleta".

"Teve uma vez que nos envolvemos em um acidente de carro, onde o motorista não parou no cruzamento e nos atropelou em plena avenida, três bicicletas empelotadas em plena Bento de Abreu, em frente ao Teatro Municipal. Geralmente fazíamos as carreatas para celebrarmos cada conquista e passar em frente ao Teatro com os troféus nas mãos me deixava muito emocionada, orgulhosa e grata, me faz lembrar de o quanto superei para chegar até aqui."

Após garantir a vaga na semifinal do Paulista Feminino de 2010, a Fonte Luminosa passou a ser o palco do futebol feminino em Araraquara, antes a equipe mandava os jogos no estádio do Botânico. "O Santos chegou a Araraquara com um super time e 100% de aproveitamento na temporada, atropelando quem encontrava pela frente, porém, viu a equipe araraquarense surpreender e dominar as ações da partida, em um jogo eletrizante. Apesar disso, o jogo terminou empatado por 2 a 2. Naquele dia eu abria o placar aos 6 minutos de jogo com um gol lindo de falta na goleira Andréia Suntaque, naquela época era a goleira da Seleção Brasileira. Fizemos um jogo de tanta entrega e garra e tiramos muitos aplausos dos torcedores que reconheceram a raça da nossa equipe. Em uma das cabines de imprensa, os jornalistas que cobriam a partida por veículos de comunicação da cidade decidiram apelidar o time de Guerreiras Grenás".



Em agosto de 2013, Andréia atuou no Avaldsnes da Noruega, ao lado de Debinha e Rosana, outras grandes jogadoras do futebol brasileiro. "Foi uma das melhores escolhas que fiz na vida". No país europeu, ela passou por momentos difíceis, com o rompimento do ligamento cruzado do joelho, em 2014, mas com o apoio das companheiras de time seguiu até 2018 no exterior.

Andréia Rosa de Andrade foi a única atleta com participação determinante em três momentos históricos do time feminino da Ferroviária: início do projeto entre 1999 e 2001, no momento em que a equipe chegou muito perto do fim em 2009 e na conquista do segundo título do Brasileiro (2019). Ela também representou a seleção brasileira feminina, conquistando a medalha de prata nas Olimpíadas de Pequim, em 2008.

"Os planos eram encerrar a carreira e fazer a transição em Araraquara, onde iniciei minha jornada, porém, isso foi alterado, após ficar fora da lista da Copa Libertadores. Tenho algumas frustrações no futebol e essa foi uma delas, mas certamente também sempre nos ensina". Ela ainda atuou pelo Grêmio, mas logo depois decidiu se dedicar à carreira de assistente técnica.

De volta à Araraquara, Andréia começou como assistente da categoria feminina Sub-15 da Ferroviária e, meses depois, foi promovida para a categoria principal.

"Viva tudo com intensidade e desejo de vencer! Nunca será só futebol!"







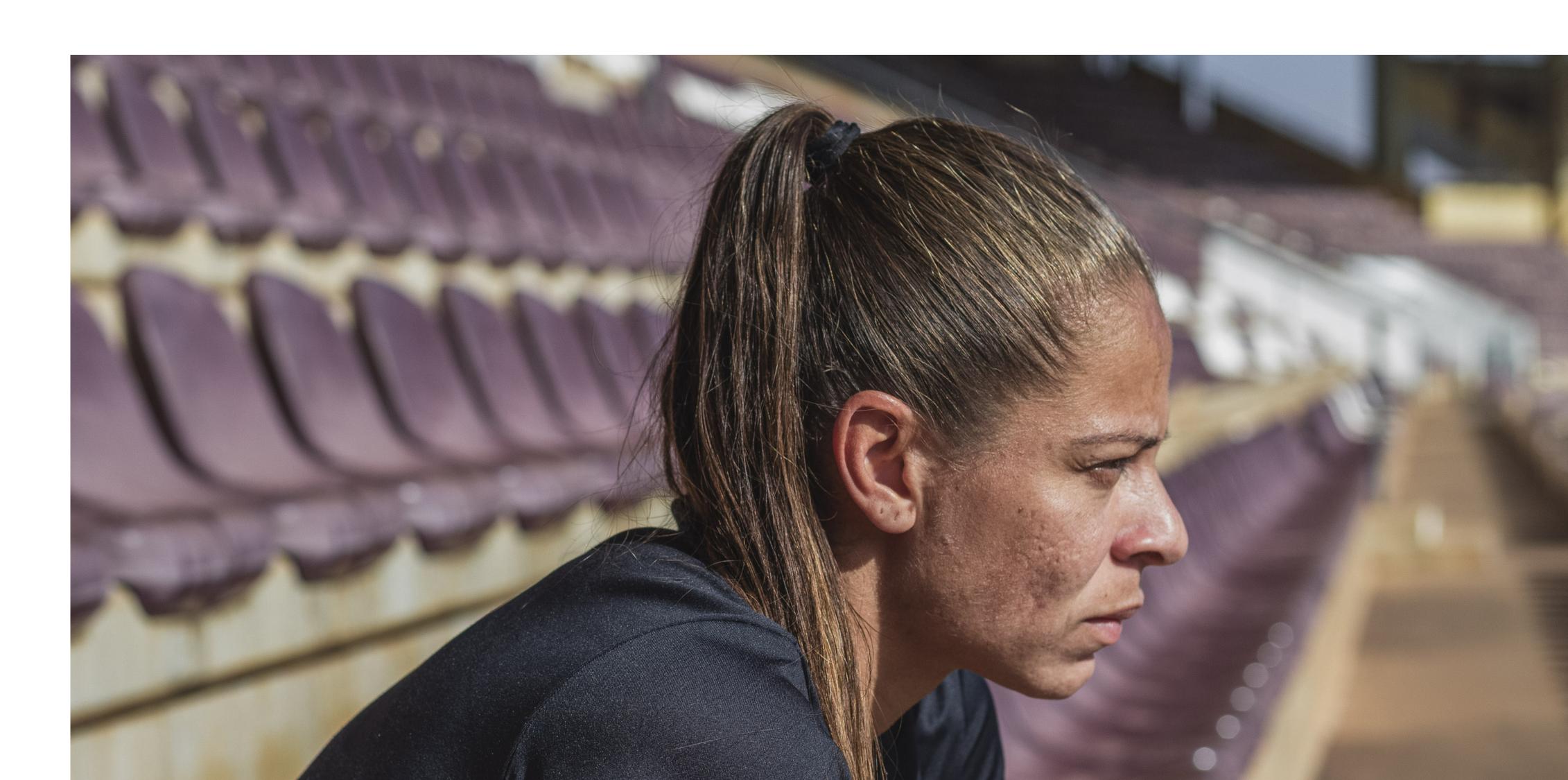


As primeiras memórias de Barrinha no futebol são jogando bola na rua com os amigos. A primeira escola foi o futsal, em Araçatuba, sua cidade natal, mas não demorou para que ela migrasse para o campo.

Para ela, enfrentar o preconceito foi um dos maiores desafios para se consolidar no Futebol Feminino. "Acho difícil uma mulher que joga futebol não ter sofrido nenhum tipo de preconceito. Já sofri, sim, de homens e mulheres. Aprender a me superar no dia a dia, superar meus medos e dificuldades por amar esse esporte e querer algo melhor para minha vida ainda são meus grandes desafios".

O apoio dos pais, seu foco e determinação, fez de Ana Maria Barrinha uma das jogadoras que mais atuou pelo Brasileirão Feminino e uma das cinco jogadoras da Ferroviária a conquistar o bicampeonato da Libertadores. Além da Ferroviária, ela atuou também em clubes como o Rio Preto, Kindermann, Corinthians, Osasco Audax, Braga (Portugal) e Iranduba.

- Antes dos jogos eu me concentro muito, fico no meu canto e me concentro para dar o meu melhor em campo.





Daiane Rodrigues

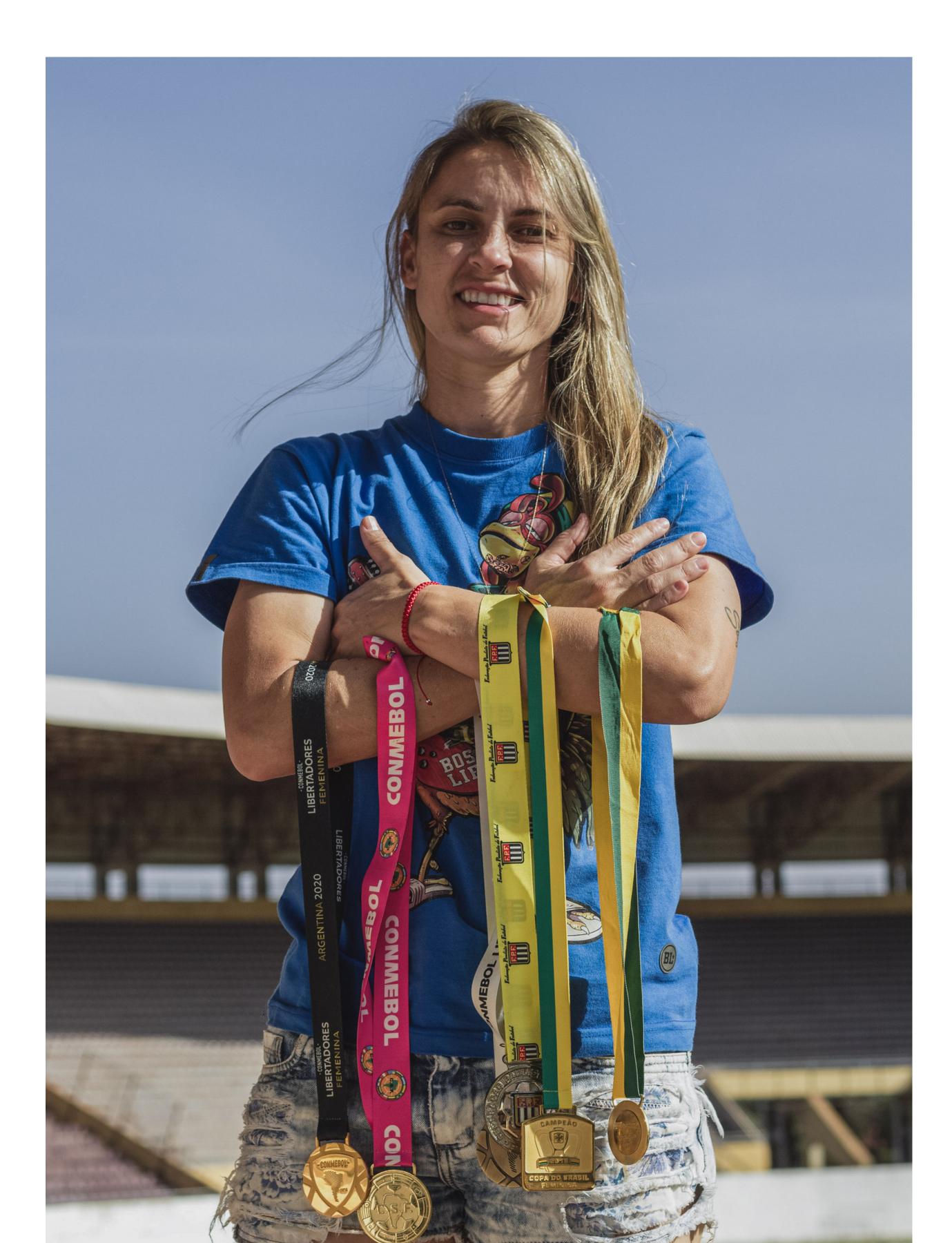
- Gosto de entrar com o pé esquerdo em campo.

Como uma pessoa extremamente supersticiosa, minha primeira reação foi de impacto. Mas, se deu certo na conquista de três títulos da Libertadores (dois pela Ferroviária e um pelo Corinthians Audax), duas Copas do Brasil, Brasileirão e títulos em Portugal, que continue entrando com o pé esquerdo.

Daiane conta que um dos momentos mais marcantes foi justamente a primeira chuteira que calçou nos pés, comprada com muito esforço pelos pais. "Mesmo não tendo muitas condições naquela época, eles deram um jeito, estava louca pela chuteira, inclusive, ela só tinha um número menor que o meu e, mesmo assim, quis levar. Ficava apertada, mas dava meu jeito de treinar e jogar".

O amor pelo futebol veio do irmão, que também foi jogador profissional. Mesmo com o apoio total da família, Daiane conta que sair de casa foi muito difícil. "O dinheiro não dava para fazer nada praticamente. Tiveram momentos que pensei em parar. Ganhava pouco, era mais uma ajuda de custo do que um salário. Não dava para ajudar em casa. Hoje, graças a Deus, as coisas melhoraram".

"Hoje sinto que minha maior conquista é ter cravado meu nome na história da Ferroviária, nada paga construir algo tão grandioso e ter tanta identidade com o clube".





Géssica

Géssica do Nascimento

"Sempre gostei de vários esportes, antes do futebol entrar na minha vida eu jogava vôlei. No início foi um pouco complicado, as pessoas falavam: como pode uma menina sair do vôlei para jogar futebol?". Conta a zagueira Géssica sobre o seu início no esporte.

Tendo a família como principal motivação, na Fonte Luminosa,

enquanto fazíamos as fotos, ela me apontou, emocionada, o rumo onde seus pais assistiram pela primeira vez um jogo dela. "Tive várias lesões e momentos ruins, mas nenhuma foi tão difícil quanto perder meu pai. Foi muito difícil. Ele era meu maior incentivador".

Antes dos jogos, Géssica gosta de se sintonizar com louvores, estudar os adversários e, principalmente, pensar positivo. Foi assim que conquistou títulos (Brasileirão, Libertadores, Copa do Brasil e Jogos Pan-Americanos), chegou à seleção brasileira e deu orgulho para a família que tanto a inspira.





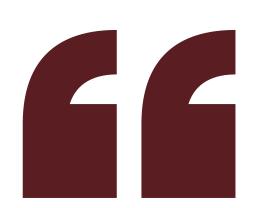


Luana Sartório Menegardo

Luana nasceu em Rio Novo do Sul, no Espírito Santo, mas cresceu em uma comunidade do interior, chamada São Vicente, onde conheceu o futebol. "Lembro que eu era bem pequena, com uns 6 ou 7 anos, sempre no intervalo das novelas à noite, a hora que meu pai estava em casa, porque durante o dia ele trabalhava na roça, corríamos numa área pequena que tínhamos e ele ficava chutando bola e brincando de 1x1 comigo, foi quando aprendi as primeiras embaixadinhas. Desde essa idade, eu frequentava escolinhas de meninos, só tinha eu de menina, meu pai chegava a me levar de moto duas vezes por semana em uma do Cruzeiro que ficava a 20 km de onde eu morava".

Aos 11 anos, ela se mudou com a família para Nova Brasilândia do Oeste, em Rondônia. "Muitas pessoas falaram pros meus pais que eu não ia conseguir me tornar uma jogadora por estar me mudando para um lugar tão distante, porém o nosso sonho nunca tinha sido deixado de lado, pelo menos na minha cabeça não", conta.





Continuei brincando de futebol com os meninos na escola ou em qualquer lugar que eu tivesse oportunidade, sempre muito elogiada pelas pessoas que viam, até que um dia surgiu uma escolinha do Internacional na minha cidade e eu, claro, falei com meu pai e comecei a frequentar a escolinha também só de meninos. Infelizmente essa escolinha acabou não vingando, mas o treinador disse que antes dele ir embora ele me levaria para algum clube, e depois de algumas conversas eu e meu pai fomos para Maringá-PR, onde tinha um time de futsal chamado Projeto Lambari. Eu tinha uns 13 anos quando fomos para lá, o dia que meu pai veio embora e eu tive que ficar sozinha foi um dos piores da minha vida, eu chorava muito, não queria que ele fosse embora. Mas, com o passar dos dias isso foi melhorando e consegui ficar, porém lá era só futsal, mas sempre falavam de planos de ter o futebol de campo, que era a ideia que me prendia lá, o treinador começou a nos tratar muito mal, quase não conversávamos com ele, nesse tempo eu comecei a engordar muito, fiquei lá por volta de 6 meses quando decidi então voltar embora, achando que meu sonho tinha então acabado ali porque não existia mais a escolinha na minha cidade.

Um tempo depois surgiu então um treinador que selecionava alguns meninos como uma peneira, preparava eles e levava para alguns clubes. Um 'namoradinho' de escola me falou sobre essa oportunidade e eu logo falei pro meu pai e fomos tentar novamente, esse treinador gostou de mim e depois de um tempo me preparando fui pro Kindermann, em Santa Catarina, fazer um teste. Passei e até que um dia eles precisavam de espaço para novas meninas no alojamento e eu acabei sendo dispensada, foi mais um dos piores dias da minha vida, tentei de várias maneiras ficar, mas não foi possível. Fiquei lá mais ou menos 5 meses, tinha 14 anos e voltei pra casa, continuei treinando e no ano seguinte eu e esse treinador viemos para São Paulo tentar no Centro Olímpico e na Ferroviária.

Lembro que chegamos a São Paulo de madrugada e não conseguimos hotel porque eu era menor de idade e ele não era meu familiar, eu fiquei com muito medo de precisar dormir na rua ou algo do tipo, até que conseguimos um hotel pra ficar.

Fomos então no Centro Olímpico fazer o teste e passei, só que eles não alojavam as meninas, eu teria que me virar pra morar na capital sozinha e mesmo que eu quisesse meus pais não teriam condições para isso. Partimos então para Araraquara, fiquei uma semana fazendo avaliações e passei, só que novamente o clube não oferecia alojamento para a idade que eu tinha.

Depois de conversar muito com meu pai resolvemos tentar ficar em Araraquara, mas, seria a última tentativa porque ele não tinha mais condições de pagar viagens para testes, hotel e tudo mais, se não desse certo eu voltaria pra casa e desistiria do sonho de jogar futebol.

Acabei ficando em uma pensão que tinha só um quarto, uma TV e uma cama, o banheiro ficava do lado de fora que precisava dar a volta na rua pra ir, lavava as roupas na mão e secava no quarto mesmo. Até que um dia, no treino, algumas meninas do time adulto me falaram que precisava de mais alguém para dividir o apartamento. Eu na hora, sem pensar duas vezes, topei. Isso era maio de 2014, quando chegou no final desse ano eu fui para casa de férias e fiquei na expectativa se eles iam me querer pro próximo ano ou não, só tinha um detalhe, meu pai não estava conseguindo mais pagar todas as contas de casa e as minhas ainda pra manter apartamento, alimentação e tudo mais, mesmo dividindo com elas. Até que tivemos a ligação da Ferroviária e disseram que me queriam para o próximo ano e que eu teria um lugar no alojamento recebendo R\$ 200. Foi um dos dias mais felizes da minha vida, eu tinha conseguido começar realmente uma carreira no futebol.



Em 2015, seu primeiro ano atuando no time profissional das Guerreiras Grenás, Luana teve a primeira convocação para a seleção brasileira feminina Sub-20 e foi campeã da Libertadores. "Claro que sempre com muitas dificuldades, tínhamos que treinar de manhã com o time adulto, a tarde com a base e ainda estudar a noite, tudo isso quase sempre de bicicleta, muitas vezes carregando umas às outras, várias vezes dormia na carteira da escola porque estava cansada. Porém, a cada ano me dedicando muito, o salário foi melhorando, títulos e convocações para seleção de base, a estrutura do clube também melhorou e isso foi me ajudando cada vez mais".

Luana se tornou a jogadora mais jovem a completar 100 jogos pelo Brasileirão Feminino, principal campeonato do país, com 23 anos, 10 meses e 30 dias. Além disso, ela e Rafa Mineira são as duas únicas jogadoras do elenco a disputar as seis edições da Libertadores Feminina pela Ferroviária.

Hoje, antes de entrar em campo, a volante leva para o vestiário um terço que ganhou da mãe, faz uma oração de joelhos agradecendo cada oportunidade e pedindo proteção.

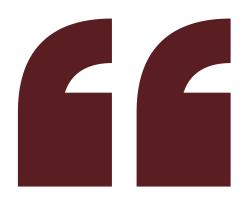
"Sempre que eu tenho alguma insegurança ou medo me lembro de onde eu vim e tudo que eu e minha família já superamos para chegar até ali".



Nicoly Aprígio da Silva

Nicoly chegou para as fotos com umas três camisas, medalhas e uma pasta. Foi a última a fazer as fotos, e enquanto eu fazia das outras folheava o rico acervo que seu pai montou desde quando ela começou a aparecer nos jornais da cidade e do mundo. Tive o privilégio e a sorte de passar um tempo com esse material que me ajudou a entender ainda mais a grandeza do Futebol Feminino em Araraquara.

Nascida e criada na Morada do Sol, a meia Nicoly começou no futebol aos sete anos, em uma escolinha da Prefeitura perto de sua casa. "Antes disso, eu assistia minha tia jogando futsal, acompanhava o meu tio em campeonatos amadores e jogava na rua, e em um "rapadão" também com a galera do bairro, o futebol sempre esteve presente".



No começo era só pra fazer um esporte, minha mãe entendia que isso era bom para o corpo e a mente. Meu avô me deu minha primeira chuteira, meu pai se sentia, e se sente, super orgulhoso de ter uma filha que joga futebol, minhas avós adoravam me ouvir falando sobre os jogos, meus primos gostavam de me assistir, aliás, eu só fui pra escolinha de futebol porque o meu primo foi e me levou junto. Meu irmãozinho me acompanha em todos os jogos e adorava treinar comigo, minha irmã me admira por tudo o que passei e conquistei. Eu contei com o apoio de muitas pessoas em todo o processo, desde quando eu só ia brincar no campo, sem pensar ou sonhar em ser jogadora, isso não passava na minha cabeça, até porque as minhas referências de quando eu comecei a jogar eram só de homens, não sabia que existia o futebol feminino, sabia da Marta, mas ela jogava fora do país.

Continuei jogando, me sentia bem fazendo isso, não via a hora de chegar os dias de treinos e jogos, os meninos da minha equipe gostavam de me ter no time, eles me defendiam quando me chamavam de "Maria Macho" ou quando falavam que futebol não era para meninas, claro que só falavam isso quando viam que eu sabia jogar, antes disso eu não era um problema pro time adversário. O preconceito não me fez pensar em parar, eu sabia que não estava fazendo nada de errado, só estava jogando futebol, e pessoas incríveis à minha volta reforçavam isso também.

O tempo foi passando, encontrei outras meninas que também jogavam e mesmo em times opostos a gente torcia umas pelas outras. Com 13 anos fui convidada para fazer parte da Ferroviária Sub-15 e Sub-18, joguei contra times que eram formados só por meninas, aquilo era uma descoberta pra mim, o que era só por brincadeira estava ficando sério e isso não estava nos planos da minha mãe, que se preocupava muito com os estudos e mesmo não tendo condição, se organizava em tudo que podia financeiramente para pagar a escola particular. O combinado era aproveitar a qualidade do ensino para passar numa faculdade pública ou conseguir bolsa na particular e depois que eu começasse o ensino médio, o foco seria só estudo. Exatamente no ano em que eu começaria o ensino médio subi para o time principal e fui convocada para a seleção Sub-17, esse momento foi crucial para que eu deixasse de ser apenas uma praticante do esporte para me tornar uma atleta. Foi necessária uma conversa da comissão e diretoria com a minha mãe, para que ela compreendesse o cenário do futebol feminino, a evolução e que poderia ser a minha profissão. Eles conseguiram.

Apesar das dificuldades, dei conta de conciliar escola e futebol, estudando o dobro porque perdia as aulas por causa dos treinos e viagens com o time. A escola também entendeu o momento e permitia que eu remarcasse as provas, entregasse e apresentasse trabalhos valendo nota de presença, foi puxado porque eu ganhei a bolsa nessa escola assim que fui pro primeiro colegial e tinha que tirar boas notas para mantê-la, mas valeu a pena!

Hoje eu sou muito feliz por estar jogando, por ter continuado mesmo com dificuldades e incertezas, tive o privilégio de representar minha nação em um campeonato mundial, conquistei títulos representando o time da minha cidade, e nada se compara ao ver minha família e amigos enchendo a boca pa-

ra falar da minha profissão. Sim, eles não têm vergonha nenhuma, muito pelo contrário, eles falam com muito orgulho que sou atleta profissional de futebol! Para o meu irmãozinho e sobrinho de 8 e 7 anos é normal me ver jogando, eles não foram ensinados que o futebol é só para meninos ou que fere a natureza da mulher, essa é uma conquista enorme para mim.

Aquela preocupação que minha mãe tinha em relação ao meu futuro não existe mais, depois daquela conversa com o pessoal da Ferroviária, ela, que é exemplo de luta e superação, me incentivou a ser melhor todos os dias naquilo que me propus a fazer, vai aos meus jogos vestindo a camisa com meu nome e sempre me passa o feedback do que fiz de bom no jogo e o que posso melhorar, quando eu cogitei parar de jogar ela não deixou, me lembrou da dedicação que tive.





25 de abril de 2021 é uma data memorável para mim, foi a minha primeira cobertura inloco de Futebol Feminino, na Fonte Luminosa, Ferroviária e Real Brasília, pela terceira rodada do Brasileirão Feminino. Esse foi o jogo que deixou Nicoly fora dos gramados por 13 meses e quatro dias, após uma lesão no ligamento cruzado anterior (LCA). Isso me marcou muito. No dia 29 de maio de 2022, vi ela retornar, no mesmo gramado, em uma vitória contra o Santos, no momento que o time precisava se reerguer no campeonato nacional, pude fazer a primeira pergunta para ela na coletiva pós-jogo. Posso dizer que nunca mais fui a mesma, profissional e pessoalmente falando. Me lembro até hoje do barulho do joelho ecoando pela Fonte vazia e em silêncio, por causa da pandemia de Covid-19, da vibração da torcida e das companheiras vendo-a retornar e da emoção de poder dizer que estava de volta fazendo o que mais ama.



Rafa Mineira

Rafaela Cristina Silva Pereira

Das poucas vezes que falou, foram em momentos na qual ela não tinha por onde escapar, como, por exemplo, quando eleita a melhor da partida nos jogos, aí não tem como fugir das entrevistas.

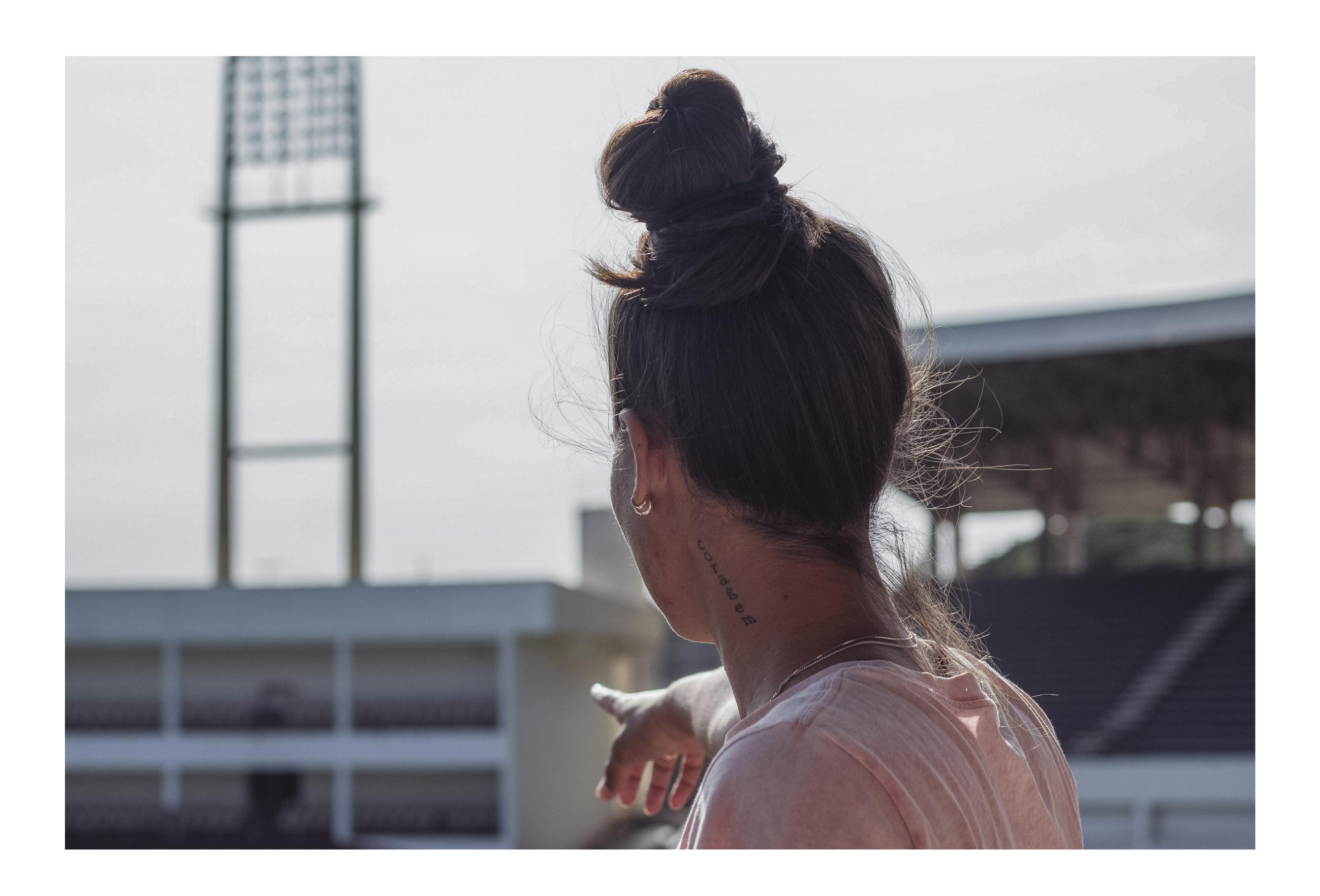
Por mais que as palavras sejam poucas, a história pediria mais espaço para ser contada. De fato, a Fonte Luminosa é o celeiro de boas memórias para Rafa Mineira.

A dona da bola parada da Ferroviária é também a história mais completa, ainda em atividade, no time grená. A jogadora é a única a participar de todas as nove estreias da Ferroviária no Brasileiro Feminino. Formada nas categorias de base do clube, Rafaela Cristina Silva Pereira estreou na equipe profissional com apenas 15 anos e oito meses, no Paulista Feminino de 2011, até hoje é a jogadora mais jovem a estrear com a camisa grená no profissional.

A meio-campista atua no campeonato nacional desde a primeira edição das Guerreiras Grenás, em 2014, além disso, disputou todas as seis participações da Libertadores Feminina (2015, 2016, 2019, 2020, 2021 e 2022).

Coragem de sobra!







Ana Clara Bigeschi Corrêa

O início que tinha como palco as quadras, no futsal, ganhou uma nova dimensão ao ser chamada para um teste no clube da cidade em que nasceu, a Ferroviária. "Quando eu falei para os meus pais que eu queria jogar bola, quem mais me incentivou foi meu pai. Porém, depois de ver que era isso mesmo que eu queria e que eu poderia ter um futuro no esporte, minha mãe se tornou (junto do meu pai) a minha maior incentivadora".

Aninha diz que a primeira memória dela no futebol com a Ferroviária foi no primeiro Festival Sub-14, promovido pela Federação Paulista de Futebol, em dezembro de 2019. "Mas, com certeza, uma das mais importantes pra minha carreira foi a minha primeira convocação pra seleção Sub-17".

"As meninas da base falam que o A de AFE significa Aninha, ela está aqui desde quando tudo era apenas um sonho", me contou uma vez a coordenadora das categorias de base do futebol feminino da Ferroviária, Rafaela Esteves.



Minhas maiores conquistas profissionais dentro do futebol foi assinar meu primeiro contrato profissional com a Ferroviária, logo após completar 16 anos, ser convocada durante um ano inteiro para a seleção Sub-17 e conquistar o título da Liga Evolución Sub-16 (considerada a Libertadores da categoria).



Antes de entrar em campo, a meia da Ferroviária revelou que sempre reza, e no momento exato de entrada em campo faz três sinais de cruz. "Uma forma de agradecer por mais uma oportunidade de fazer o que eu mais amo".

Até porque, nem todos os dias foram fáceis. Nos primeiros meses de 2022, ela teve uma lesão grau 2 no adutor, ficou cerca de cinco semanas parada, com isso acabou perdendo o Campeonato Brasileiro Sub-20. "Isso me abalou bastante, mas com foco voltei aos treinos bem e disposta a dar meu melhor pela equipe".

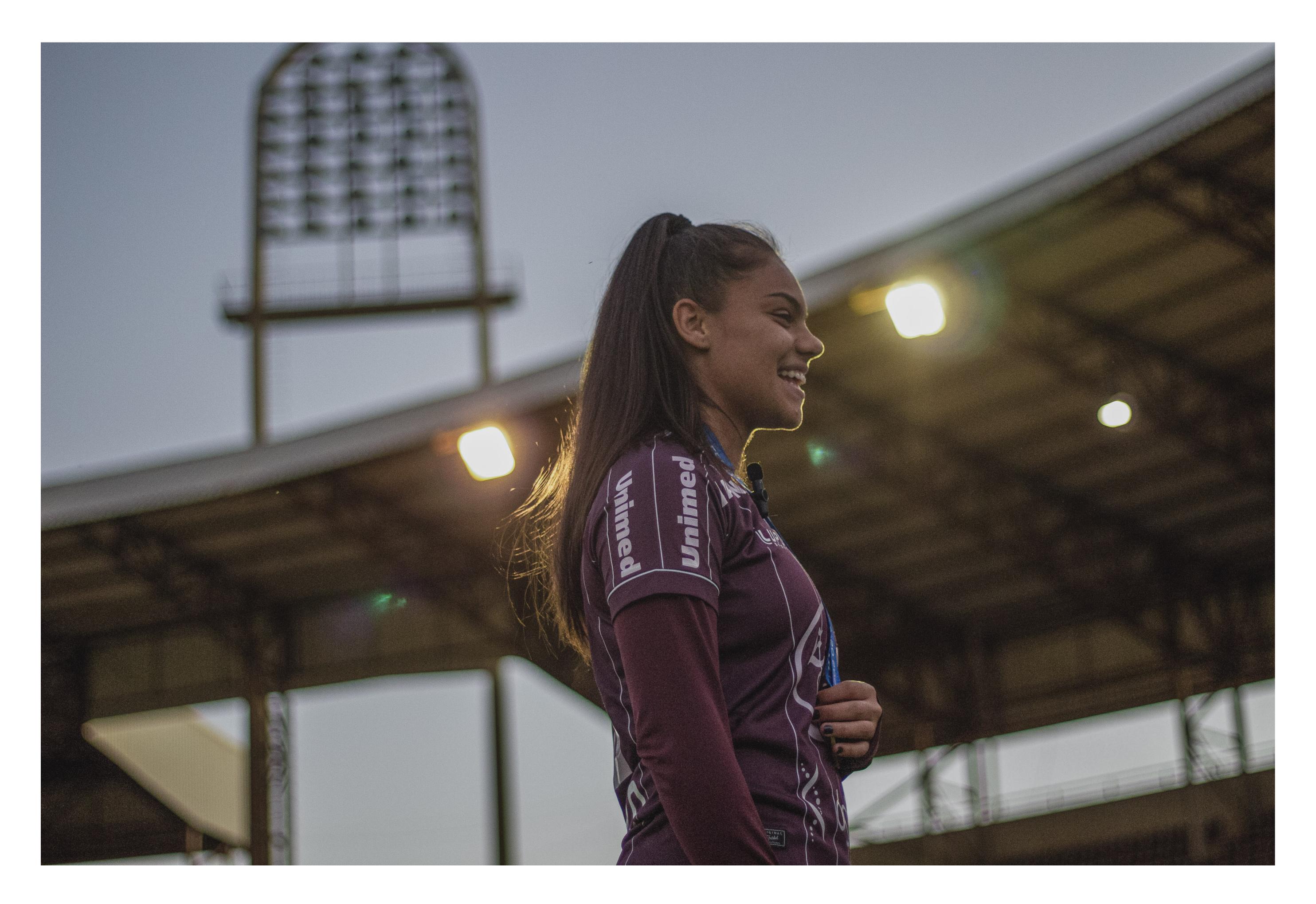
Sobre o futuro, Aninha almeja se consolidar na equipe profissional da Ferrinha, integrar a seleção brasileira principal e jogar em um time da Europa.





"Me sinto leve e sinto gratidão por estar fazendo o que eu amo em um lugar de referência no futebol feminino!"





Título da Ferroviária no Paulista Feminino Sub-20, em 2022, na Fonte Luminosa

Aline Gomes

Aline Gomes Amaro

"No lugar certo, na hora certa"

Uma menina que embarcou para a capital de São Paulo, aos 13 anos, em busca do sonho de ser jogadora de futsal no clube de coração, voltou rapidamente a mãe, para o interior do estado, depois de perceber que não dividiria mais a casa com dois irmãos mais velhos, e sim com meninas sete anos mais velhas que ela. Passou a ter certeza que não ficaria depois que, sem ver e perceber que ela estava sentada, encolhidinha no canto, o treinador falou: "tem meninas que vem aqui que não tem vontade, que não querem ser jogadoras, que tem medo, que é filha de mamãe, que vê isso aqui e treme, foi o que aconteceu com a menina que veio lá de Tabatinga".

Imagina a infelicidade desse professor ao ver hoje Aline Gomes Amaro, uma das jogadoras mais promissoras do futebol brasileiro brilhando pelos campos do mundo.

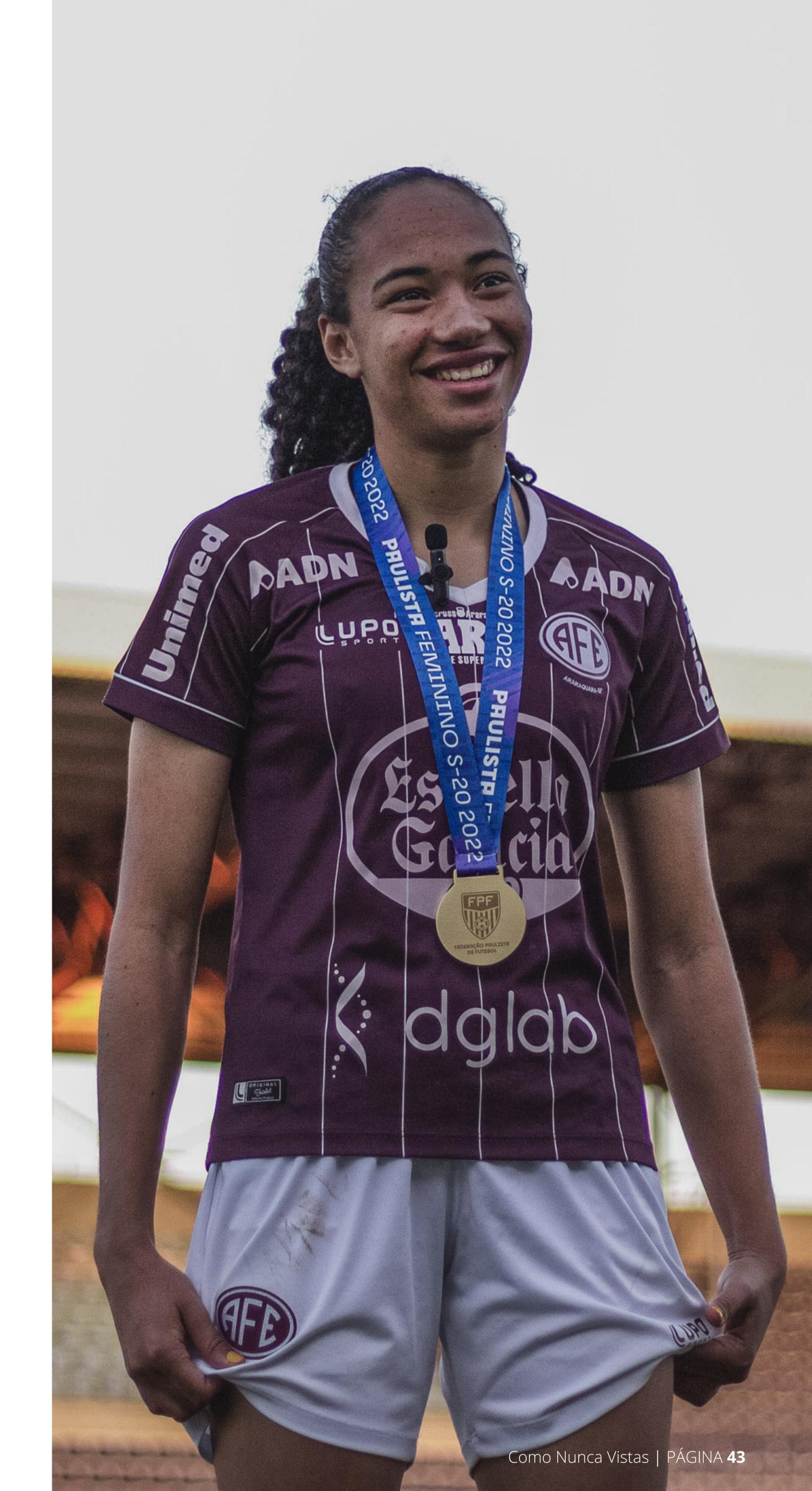


O 'Diamante Grená' foi garimpado em uma seletiva da Ferroviária. Se tornou a mais jovem a marcar um gol pelo clube em uma edição do Brasileiro Feminino, em 2021, aos 16 anos, um mês e oito dias. Além de tudo, o gol deu a vantagem para as Guerreiras nas quartas de final da competição, contra o Santos de Cristiane. Ela já havia estreado pelo profissional contra o Flamengo, pela última rodada daquela edição, ainda com 15 anos, entrando no decorrer da segunda etapa.

Aline começou a se destacar com a camisa grená na disputa do Paulista Feminino Sub-17, em 2020, quando foi artilheira com cinco gols marcados, disputando também as edições do Brasileiro Feminino Sub-16 e Sub-18 daquele ano. A partir daí, começou a ser convocada para a seleção brasileira feminina Sub-17, encerrando 2022 com uma medalha de ouro no Sul Americano, em março, e a disputa da Copa do Mundo da categoria, na Índia, onde as brasileiras se despediram nas quartas de final.

Pela Ferroviária, Aline conquistou a Liga de Desenvolvimento Sub-16, em dezembro de 2021, que garantiu as Guerreirinhas na disputa da Fiesta Evolución da categoria, disputada posteriormente no Paraguai. Em julho de 2022, presenteou os torcedores afeanos com o primeiro título da base da Ferroviária, comemorado na Fonte Luminosa, ao marcar o gol da final do Paulista Feminino Sub-20, contra o São Paulo, aos 35 minutos da segunda etapa.

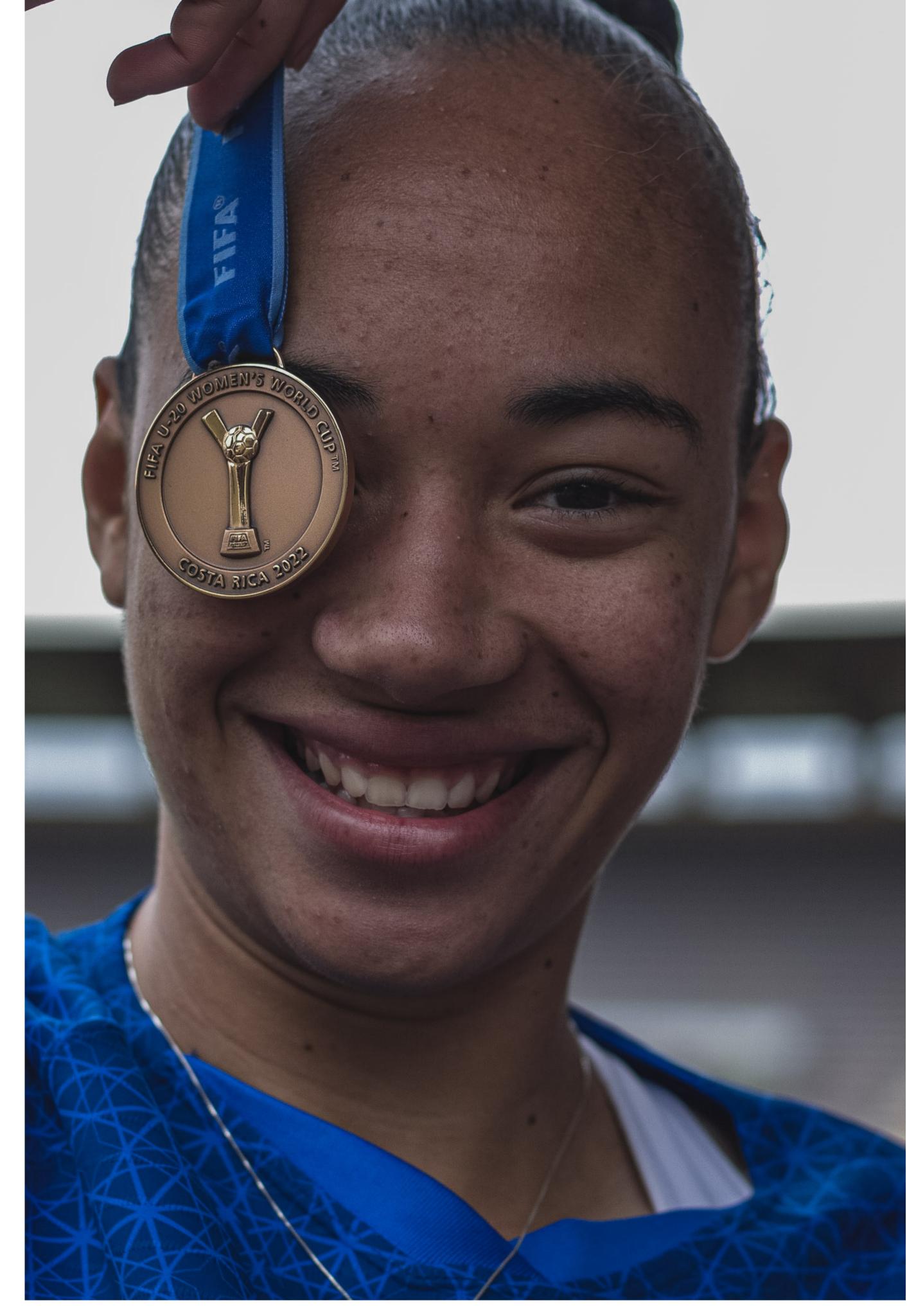
Logo depois – e quando eu digo logo depois, foi literalmente após a conquista do estadual – Aline Gomes seguiu rumo a Costa Rica, onde conquistou o terceiro lugar da Copa do Mundo Sub-20. Ela esteve apenas nas duas convocações que antecederam a disputa, em uma delas ficando marcadas também pela passagem de aniversário de 17 anos na Granja Comary, durante os treinamentos preparatórios. O Mundial Sub-20 não só rendeu o bronze, como também os olhares atentos da multicampeã e técnica da seleção brasileira principal, Pia Sundhage.





As unhas amarelas são uma superstição entre Aline Gomes e a treinadora das categorias de base, Julia Passero, após a conquista da Liga de Desenvolvimento Sub-16, em 2021







AGRADECIMENTOS

JANAINA GONÇALVES E JÚLIA CASTRO

REVISÃO DE TEXTO

ANA HELENA MICHELLIN

REVISÃO DE DESIGN

RAFAEL ZOCCO

COLABORAÇÃO

TIAGO PAVINI E JONATAN DUTRA

ASSESSORES DA FERROVIÁRIA SAF

HUMBERTO BOSCHIERO

DIRETOR DE MARKETING E COMUNICAÇÃO NA FERROVIÁRIA SAF

NUÉLI SILVEIRA

COORDENADORA DE FUTEBOL FEMININO DA FERROVIÁRIA SAF



Céu do estádio Doutor Adhemar de Barros, conhecido como a Fonte Luminosa, no dia 9 de novembro de 2022, no segundo jogo das quartas de final do Paulista Feminino Sub-17, Ferroviária e São José. Era a primeira vez que as Guerreirinhas Grenás entravam em campo, enlutadas, após o falecimento de Esther Martins dos Santos, de 14 anos, companheira de equipe desde agosto desse ano.

"Apesar de tudo, vou viver sorrindo"

- Em memória de Esther Martins dos Santos